



---

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**MARIANE APARECIDA VIANA ARGATI**

**A METODOLOGIA JESUÍTICA: EXPLORANDO O *RATIO  
STUDIORUM***

---

Apucarana  
2020

MARIANE APARECIDA VIANA ARGATI

**A METODOLOGIA JESUÍTICA: EXPLORANDO O *RATIO  
STUDIORUM***

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Ms. Camilla Samira de Simoni Bolonhezi.

MARIANE APARECIDA VIANA ARGATI

**A METODOLOGIA JESUÍTICA: EXPLORANDO O *RATIO STUDIORUM***

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, com nota final igual a \_\_\_\_\_, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Mestre Camilla Samira de Simoni  
Bolonhaezi  
Faculdade de Apucarana

---

Prof. Mestre Gabriela da Silva Sacchelli  
Faculdade de Apucarana

---

Prof. Doutora Paula Tamyres Moya  
Faculdade de Apucarana

Apucarana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

*A Deus pela oportunidade de viver  
e crescer...*

*Aos meus pais pelo carinho e  
apoio, sempre...*

*Ao meu marido companheiro de  
todas as horas...*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me dado forças, por guiar meus passos, pelas dificuldades superadas, enfim por ter possibilitado esta grande conquista.

Agradeço de maneira muito especial a minha mãe Maria, ao meu pai Mauro e o meu irmão Mateus, por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis, por serem pessoas amáveis e companheiras, amo vocês.

Agradeço infinitamente ao meu marido Willian pela cumplicidade, carinho e compreensão, sei que não foi fácil conviver com uma pessoa que só fala em faculdade e nos jesuítas, obrigado por sempre estar do meu lado falando que sou sua “estudiosa mais linda”, em alguns momentos precisei priorizar os estudos mas você sempre estava lá do meu lado me dando forças, obrigado meu eterno amor.

A minha família os Argati e os Viana que sempre me apoiaram nessa escolha de ser pedagoga.

Um agradecimento muito especial a minha querida professora Camilla Bolonhezi e orientadora, pelo carinho, dedicação e paciência que teve comigo, pelos ensinamentos sempre bem vindos, e estando sempre presente nos momentos de dúvidas e incertezas.

A professora Marlene Mariotto, por toda a ajuda e ensinamento, pois sem suas “puxadas de orelha” não teria forças pra continuar e a professora Paula Moya pelas contribuições em meu trabalho, pessoa mais que especial a quem tenho um enorme carinho e respeito.

Às minhas amigas e parceiras que compõe o meu grupinho do fundão, Bruna Lopes, Sabrina Amaral, Andressa Pio, Hellen Sobreira, Nathalia Cassiano, Carol Cassiano e Beatris Dias, meninas vocês alegram meus dias, foram tantas conversas, risadas e algumas discussões mas nada melhor que as diferenças para tornarmos melhores. Vou sentir muitas saudades de todos os momentos maravilhosos que passei com vocês.

A Bruna Lopes, que me ajudou a comprar todos os livros que necessitei, e claro toda a força que me dá a cada dia, pois é a pessoa mais ansiosa que conheço, mais a pessoa que mais me acalma.

Enfim, agradeço a todos os meus companheiros de salas aqueles que não citei, pelo convívio, mas com certeza houve troca de experiências ao longo desses quatro anos.

A todos os professores do curso de Pedagogia da FAP pelos valiosos conhecimentos que me proporcionaram obter uma formação da qual me orgulho.

Agradeço a Faculdade de Apucarana - FAP pela oportunidade de desenvolver o presente estudo, sinto-me privilegiada pela oportunidade de estudar e receber ensinamentos de um grupo que tem à frente pessoas competentes que amam o que fazem.

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo fizeram ou fazem parte da minha vida, mas obrigada.

Ao término do curso, sinto-me realizada por ter vivido intensamente tudo, os estudos de diferentes temáticas, os variados projetos, o contato com excelentes professores e os amigos que fiz.

Muito Obrigada!

*“A História da educação fornece aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que sirva para formar a sua cultura profissional, possuir um conhecimento histórico, não implica ter uma ação mais eficaz, mas estimula uma atitude crítica e reflexiva”.*

**Franco Cambi.**

ARGATI, Mariane Aparecida Viana. **A metodologia Jesuítica: explorando o *Ratio Studiorum***. 58p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana-PR. 2020.

## RESUMO

A presente pesquisa traz um estudo sobre a educação jesuítica, que se estabeleceu no Brasil a partir da Companhia de Jesus, instituição imbuída da missão de espalhar a fé cristã, utilizando como principal instrumento o espaço educacional. O foco do trabalho foi identificar como o processo que os jesuítas utilizaram para desenvolver sua metodologia e como aplicaram o *Ratio Studiorum* para desempenhar esse propósito. Nesse contexto, realizamos um estudo sobre a Companhia de Jesus que surgiu no período da Contrarreforma, com o intuito de recuperar o poder da Igreja Católica. Esta instituição teve como objetivo levar a fé católica aos povos que habitavam territórios colonizados pela coroa portuguesa. Com a necessidade de um documento que permeasse todo o processo de ensino dos jesuítas, foi elaborado o *Ratio Studiorum* em 1599, este texto norteou a atividade de todos os colégios jesuítas até o fim do seu sistema educacional. Os jesuítas utilizaram-se deste método, servindo duplamente aos interesses de colonização e a difusão da fé Cristã. Após alguns anos começaram a se dedicar também, ao ensino dos filhos dos colonos e demais membros da colônia, seu último estágio foi até a formação da burguesia urbana. Optando pela pesquisa documental e análise bibliográfica buscou-se o aprofundamento do tema elencado, com coleta em bases de dados, fontes documentais, obras clássicas expressivas do período analisado, e a análise de uma fonte histórica: o *Ratio Studiorum*.

**Palavras-chave:** *Ratio Studiorum*. Companhia de Jesus. Contrarreforma.



ARGATI, Mariane Aparecida Viana. **The Jesuit methodology: exploring the Ratio Studiorum**. 58p. Course Conclusion Paper (Monograph). Graduation in Pedagogy. Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana-PR. 2020.

### **ABSTRACT**

This research brings a study on Jesuit education, which was established in Brazil from the Society of Jesus, an institution imbued with the mission of spreading the Christian faith, using the educational space as its main instrument. The focus of the work was to identify how was the process that the Jesuits used to develop their methodology and how they applied the *Ratio Studiorum* to fulfill this purpose. In this context, we carried out a study on the Society of Jesus that emerged during the Counter-Reformation period, in order to recover the power of the Catholic Church. This institution aimed to bring the Catholic faith to the people who inhabited territories colonized by the Portuguese crown. With the need for a document that permeated the entire teaching process of the Jesuits, the *Ratio Studiorum* was prepared in 1599, this text guided the activity of all Jesuit schools until the end of their educational system. The Jesuits used this method, serving both the interests of colonization and the spread of the Christian faith. After a few years they also began to dedicate themselves to teaching the children of the colonists and other members of the colony, their last stage was until the formation of the urban bourgeoisie. Opting for documentary research and bibliographic analysis, we sought to deepen the listed theme, with collection in databases, documentary sources, expressive classic works from the analyzed period, and the analysis of a historical source: the *Ratio Studiorum*.

**Keywords:** *Ratio Studiorum*. Society of Jesus. Counter-Reformation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Conquistas e colonização na América.....	24
Figura 2 – Desembarque de Pedro Alvarez Cabral em Porto Seguro.....	25

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Regras do <i>Ratio Studiorum</i> .....	45
Quadro 2- Organização curricular do <i>Ratio Studiorum</i> .....	47
Quadros 3- Distribuição de classes e bibliografias no Brasil.....	49

## LISTA DE SIGLAS

FAP	Faculdade de Apucarana
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
PPP	Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
3.1	Objetivo Geral	16
3.2	Objetivos Específicos	16
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>17</b>
4.1	O Contexto histórico da fundação e expansão da Companhia de Jesus	17
4.2	O processo de Colonização do Brasil e a chegada da companhia de Jesus no Brasil	22
4.3	A origem do projeto educacional jesuítico	31
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>37</b>
5.1	Delineamento do Estudo	37
5.2	Coleta de Dados	38
5.3	Análise e discussão dos dados	38
<b>6</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>40</b>
6.1	Organização do projeto jesuítico	40
6.2	O <i>Ratio Studiorum</i>	42
6.3	Análise da metodologia expressa no <i>Ratio Studiorum</i>	45
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No período de origem da Companhia de Jesus os jesuítas foram um dos precursores da educação religiosa no mundo. No contexto da criação desta instituição que os mesmos adquiriram a missão de espalhar a fé cristã, utilizando como instrumento a cultura letrada no espaço escolar. Com esses aspectos os missionários controlaram por muito tempo a rede de ensino, criando vários colégios para afirmarem seus dogmas (TOYSHIMA, 2011).

Segundo Saviani (2008) o fenômeno educacional não é um fenômeno independente ou determinado pelo momento histórico. Deve-se analisar o projeto jesuítico considerando o desenvolvimento social da época colonial, no qual o projeto educacional pretendia formar um modelo de homem baseado nos princípios da Igreja.

Com o início do processo de colonização do Brasil, a partir de 1530, os portugueses passam a organizar o território nacional estabelecendo de início a divisão das capitanias hereditárias e, posteriormente, os governos gerais. Nesse contexto, os jesuítas tiveram um papel fundamental na propagação da moral e dos costumes portugueses aos nativos que aqui residiam.

Considerando-se a importância da Companhia de Jesus como ordem religiosa, o tema deste trabalho, consiste na análise da proposta pedagógica dos jesuítas, o documento *Ratio Studiorum*, que consiste em “um documento que se oficializou em 1599 após cinco décadas de elaboração, e que norteou toda a organização da educação dos colégios jesuítas” (UGUMA, 2009, p. 08).

A pesquisa visa uma análise do documento, tomando como referência a organização pedagógica, seus métodos e características. O estudo do *Ratio Studiorum* foi elaborado pelo seu valor histórico com foco nas inovações e contribuições na organização pedagógica do período e de séculos depois.

A escolha do tema deu-se pelo fato do ensino de história de educação ser de grande valor educacional para os futuros educadores. É fundamental analisar e entender como ocorreu o processo de ensino dos jesuítas, e como foi a implantação de um método que contribuiu para formação do ser humano, com regras estabelecidas por um documento, que até então não teria nada similar, assim com o

processo de construção do Ratio podemos entender como ocorre o aprimoramento educacional.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo foi constituído pelo contexto histórico da Companhia de Jesus. Dessa forma, destacamos o Iluminismo, a Reforma Protestante, a Contrarreforma e as Grandes Navegações.

O segundo capítulo apresenta o processo de Colonização do país desde o desenrolar das grandes navegações, a colonização do Brasil e a chegada dos jesuítas dando início a implantação educacional conjunta com os interesses do estado Lusitano.

O terceiro capítulo foi reservado para uma contextualização do projeto educacional jesuítico, contemplando o processo de formação do *Ratio Studiorum*, sua origem, exemplificando como ocorreu o seu desenvolvimento histórico.

A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste na pesquisa documental e investigação bibliográfica, com a investigação em bases de dados, em fontes documentais e obras clássicas expressivas do período analisado, e a partir de uma análise de uma fonte histórica: o *Ratio Studiorum*, na qual buscamos o aprofundamento da temática.

Nos resultados e discussões foi estabelecido e apresentado a organização do projeto jesuítico e o seu desenvolvimento para a formação, sendo o *Ratio Studiorum* exposto com seus procedimentos pedagógicos de formação, sua organização curricular e a análise da metodologia expressa no documento.

A pesquisa nos permitiu concluir que o *Ratio Studiorum* caracteriza-se como um manual prático que preconiza métodos de ensino e orienta o professor na organização de sua aula, este documento editado pela Companhia de Jesus tinha por objetivo unificar o ensino nos colégios dos jesuítas. Como afirma Franca (2019), as leis que orientavam as atividades pedagógicas dos Colégios jesuíticos representavam os efeitos de um conhecimento, não de um homem ou de um grupo mas sim de um conhecimento histórico difundido por anos e presente até os dias atuais.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA**

Quais os processos que os jesuítas utilizaram para desenvolver sua metodologia e como aplicaram o *Ratio Studiorum* para desempenhar esse propósito?

## **3 OBJETIVOS**

### **3.1 Objetivo Geral**

Identificar como foi o processo que os jesuítas utilizaram para desenvolver um método pedagógico e analisar como o *Ratio Studiorum* desempenhou esse papel.

### **3.2 Objetivos Específicos**

- Fazer revisão bibliográfica para apresentar como ocorreu o processo histórico da formação e expansão da Campanha de Jesus, como acontecia a educação jesuítica e a contribuição do *Ratio Studiorum* para o processo de catequização e educação.
- Investigar o método pedagógico dos jesuítas e apresentar como foi o surgimento do *Ratio Studiorum*.
- Pesquisar como era a formação educacional prevista pelo *Ratio Studiorum* focando na Metodologia que era aplicado.



## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 O Contexto histórico da fundação e expansão da Companhia de Jesus

O contexto histórico do século XII correspondeu a um período de transição e transformação na Europa Ocidental, que ocasionou a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, este, foi um momento conturbado onde aconteceu o fim do feudalismo e o surgimento do sistema capitalista na sua primeira forma, o capitalismo mercantil (SHIGUNOV NETO, 2015). Por consequência a esta passagem, os séculos seguintes foram marcados por “guerras; revoluções nacionais; pela criação dos Estados modernos; pela ascensão da classe burguesa e a intensificação das práticas comerciais; pelo Renascimento; Reforma Religiosa; Mercantilismo e as Grandes Navegações” (SHIGUNOV NETO, 2015, p.1).

Ocorrem mudanças em vários aspectos, mas o aspecto religioso e o educacional foram os que mais repercutiram na sociedade, pois neste momento histórico Deus era considerado o centro do universo, e tudo que acontecia, era pela vontade dele, cabendo a igreja ser a intermediária nessa relação (UGUMA, 2009).

A partir do século XV, o Renascimento cultural e comercial contribui para a ocorrência de diversas transformações, com novas formas de pensamento e com o desenvolvimento de críticas à estrutura feudal vigente até então na Europa (GOMES, 2017). No âmbito educacional o Renascimento implicou na renovação da ideia da educação, Monroe (1978 apud SHIGUNOV NETO, 2015, p.10) relata que:

[...] o estudo das literaturas clássicas não só se torna a principal manifestação externa do espírito do Renascimento, como proporciona os meios para a desenvolvimento de uma nova vida. Isto porque as novas aspirações para o desenvolvimento de uma personalidade moral livre, intelectual tanto quanto emocionalmente, não encontravam base na passado imediato nem na atualidade; porém, a vida dos antigos, revivida na sua literatura, ministrava modelos e incentivos para imitação.

Nesse contexto, destacamos o movimento do humanismo como o que rompe com o mundo cristão, trazendo a visão do homem como centro do universo, o que vai influenciar significativamente no movimento intitulado Reforma Protestante, o qual se opõe a Igreja, pois seu foco era o antropocentrismo, o ser humano sendo

capaz de modificar o meio em que vive para usufruir de benefícios, em prol do seu próprio bem (UGUMA, 2009).

Durante a Idade Média a Igreja Católica desenvolveu papel fundamental na sociedade, influenciando os setores econômicos, social, cultural e político (SHIGUNOV NETO, 2015). Essa Instituição mostrava-se muito poderosa, pois possuía um grande controle sobre a população (ANDRADE, 2013).

No século XVI com a Reforma Protestante, as doutrinas da Igreja Católica são questionadas, esse movimento foi “reivindicatório da sociedade contra a estrutura eclesiástica, seu poder e os abusos do clero, de modo a conclamar a adequação das estruturas eclesiásticas as necessidades espirituais dos fiéis católicos” (SHIGUNOV NETO, 2015, p. 10). Andrade (2013) afirma que os inúmeros escândalos nos quais a Igreja estava envolvida, em relação ao livre arbítrio, a autoridade, com suas normas que controlavam o comportamento social, indulgências entre outros, levaram a crise, encontrando-se nesse momento a população em um enorme anseio, em relação aos valores desta instituição.

Segundo Gomes (2017) Lutero foi o principal idealizador da Reforma Protestante, pois quando foi enviado para Roma, em 1510, ficou impressionado pela corrupção que observou dentro das estruturas eclesiais da Igreja Católica, sua revolta foi causada pela venda das indulgências para financiar a construção da basílica de São Pedro em Roma, e afirmou que o Papa não podia perdoar pecados, que Deus e suas escrituras estão acima do Papa e a verdade está somente na Bíblia.

O fator que mais influenciou a Reforma Protestante foi a corrupção que se espalhou dentro da Igreja Católica, a qual foi grandiosa, até mesmo com a inclusão do papado (CHADWICK, 1966 apud GOMES, 2017 p. 277) “tudo na igreja [...] era vendido por dinheiro: perdões, missas, velas, cerimônias, vicariatos, benefícios, bispados, o próprio papado”.

A Reforma Protestante teve seu movimento estabelecido oficialmente em 1517, no dia em que Martinho Lutero, fixou as 95 teses na Igreja Wittenberg na Alemanha, para combater o movimento indulgenciário (OLIVEIRA, 2014).

Gomes (2017) relata que todo o percurso de Lutero deu-se pelas suas conclusões através da leitura das escrituras, pois mesmo obedecendo às regras e às

técnicas espirituais da ordem não se sentia próximo de Deus, assim chegou à conclusão que a vida monástica era somente regrada em disciplina e renúncias, uma teologia especulativa somente, chegando então à seguinte conclusão:

[...] descobriu o erro fundamental de todas as técnicas de procura de Deus. No fundo elas confiam na capacidade do homem de alcançar Deus ou pelo menos de tornar-se de tal forma agradável a Ele que obrigue Deus a aceitá-lo. [...] compreende que o problema não era a maior ou menor distância de Deus em relação ao homem para o alcançar. As coisas eram exatamente o contrário. O homem, criatura e pecador, está longe de Deus. Em Cristo, Deus já percorreu todo o caminho necessário para se encontrar com o homem. Nada havia de novo nisto: tratava-se simplesmente do Evangelho da graça, que fora muitas vezes esquecido (ATKINSON, 1995 apud GOMES, 2017, p. 279).

Andrade (2013) afirma que com a reforma a educação passa a ser um instrumento de divulgação de novos princípios e novas visões de mundo e das escrituras. Esse fato se evidencia pela ampla tradução da Bíblia, fazendo a sociedade ter acesso a leitura e a interpretação bíblica, criando vínculo com Deus, diferentemente do que a Igreja Católica implantava nesse período.

Enquanto estudiosos Laicos entendiam a Reforma como fundação do caminho para a liberdade, católicos defensores das doutrinas da Instituição observavam como um equívoco que desestabilizou princípios de autoridade, ordem social e disciplina, característicos da cristandade medieval (MONTEIRO, 2007).

Denis (s.d. apud UGUMA, 2009) ressalta algumas semelhanças e diferenças entre o ensino protestante e o católico:

[...] a qualidade do ensino ministrado pelos protestantes ou pelos católicos determinava a frequência dos estabelecimentos, independentemente da linha de clivagem dos credos. Mas, o que é certo, é que a aprendizagem generalizada da leitura e da língua materna nos protestantes impeliu os católicos à imitação: a Reforma tinha transformado a pedagogia (DENIS, s.d., apud UGUMA, 2009, p. 12).

Houveram tentativas de conciliação nas quais Lutero foi convidado, pelo papado, a retratar-se, mas estas tentativas foram em vão (GOMES, 2017), ressalta o autor que o movimento ficou conhecido como Protestantismo, o qual dividiu a

Europa cristã em duas e dando origem às Igrejas conhecidas por evangélicas ou protestantes.

Todo esse movimento deixou a Igreja Católica em alerta, com o consequente surgimento da reforma, organizada para conter o protestantismo e levar o catolicismo à frente, esta promove uma mudança interna na Igreja de Roma, dando início ao movimento chamado de Contrarreforma, cujo objetivo era corrigir os erros internos da Igreja e restaurar seu objetivo maior (GOMES, 2017).

Paulo III idealizou uma resolução do impasse entre os protestantes, através da convocação do Concílio de Trento, em 1545 na cidade de Trento, na Itália, o concílio foi convocado para debater a reforma da Igreja e combater a ameaça constante dos protestantes, enfatizando os problemas que levaram a decadência da Igreja (GOMES, 2017).

Costa (2004, p.119) apresenta que “a reforma da igreja já era uma necessidade que foi tomando pouco a pouco nas décadas iniciais do século XVI e que concretizou no Concílio de Trento (1545-1563), pelo menos enquanto deliberação oficial da igreja”, o mesmo autor argumenta que “o Concílio de Trento foi, portanto, um dos momentos oficiais mais significativos da Igreja Católica no século XVI, e é tido como o mais profundo até o Concílio Vaticano II – ocorrido na década de 60 do século XX” (2004, p.119).

A partir desse momento foram mantidas as doutrinas como a justificação da salvação pela fé e também pelas obras, os sete sacramentos, o purgatório e a prática das indulgências, mas condenados os abusos na distribuição dessas indulgências (GOMES, 2017). Entre as várias determinações três merecem destaque, pois faziam parte do plano de ação da Igreja para prevenir os avanços do protestantismo e a perda de fiéis:

- 1) A Inquisição para punir os acusados de heresias;
- 2) A criação da Companhia de Jesus para catequização dos habitantes das terras descobertas;
- 3) A criação do "Index Librorum Proibitorium", ou livros proibidos, para evitar a propagação das ideias que fossem contrárias à Igreja Católica (GOMES, 2017, p. 282).

Eby (1976 apud GOMES, 2017) ressalta que essas medidas foram norteadas para uma maior consciência da Igreja em relação a sua função, principalmente educativa, e a construção de lugares para formação de jovens e eclesiais. Segundo Chateau (1978, apud TOYSHIMA, 2011) após as transformações ocorridas no século XVI, a sociedade necessitava de uma ordem, cultura e uma universalidade, e a pedagogia jesuítica foi construída a partir das exigências da época, explicando assim o sucesso de seu ensino unitário e formal. A implantação dessas medidas foi crucial para que os católicos impedissem que a reforma se alastrasse para a Espanha e para Portugal, assim, num curto período de tempo, a igreja conseguiu recuperar sua influência (SHIGUNOV NETO, 2015).

A criação da Companhia de Jesus surgiu em uma época em que o cristianismo se sentia ameaçado espiritual e territorialmente por forças inimigas, as novas instituições religiosas surgidas a partir da Reforma Protestante tendo como inimigos centrais os Hereges e não os Pagãos (GOMES, 2017).

O Concílio despertou a Igreja para os novos rumos da evangelização e novos espaços de campo, os quais foram abertos através das Grandes Navegações, promovidas principalmente por Portugal e Espanha, frente à descoberta de novas culturas para serem evangelizadas com a necessidade urgente de renovação da Igreja Católica (GOMES, 2017).

O grande fato que contribuiu para o desenvolvimento das metas instituídas pelo Concilio foram as Grandes Navegações que aconteceu durante todo o processo da Reforma Protestante e Contrarreforma (SHIGUNOV NETO, 2015).

Considerando-se a dimensão geográfica, com a crise presente na sociedade portuguesa e o colapso da rota comercial do mar Mediterrâneo, a solução encontrada pelos portugueses foi se aventurar na expansão ultramarina que se mostrou muito lucrativa e rentável (SHIGUNOV NETO, 2015).

No caso específico das Grandes Navegações, Portugal foi um dos pioneiros, como relata Shigunov Neto (2015), pois os fatores que oportunizaram que Portugal torna-se um dos maiores na expansão marítima:

- A sua longa costa, que tornou possível o comércio portuário;

- A sua propensão as navegações marítimas, pois possuía conhecimento e grandes habilidades para a navegação;
- O esgotamento da rota comercial do Mar Mediterrâneo;
- O processo de unificação nacional já consolidado em Portugal;
- A concentração do poder monárquico, conseguido por meio do absolutismo;
- A política de expansão ultramarina de D. Joao I (SHIGUNOV NETO, 2015, p.2).

Um dos grandes coparticipantes das grandes navegações foram os comerciantes, pois parte dos investimentos eram feitos através de seus cofres (SHIGUNOV NETO, 2015). Compreendendo esse contexto no próximo tópico abordaremos o processo de colonização brasileiro e a chegada da companhia de Jesus em território nacional.

#### **4.2 O processo de Colonização do Brasil e a chegada da companhia de Jesus no Brasil**

Para entender melhor como ocorreu a expansão ultramarina organizada por D. João I e inaugurada em 1415, deve-se começar pelas transformações ocorridas na Europa, neste período, pois seu território começou pouco a pouco a se modificar, pela expansão da agricultura e do comércio.

Fausto (2006) relata que ocorreu uma expansão geográfica da Europa cristã, com acontecimentos marcantes nos quais destaca-se a expansão marítima:

A Península Ibérica foi sendo retomada dos mouros; o Mediterrâneo deixou de ser um "lago árabe", onde os europeus não conseguiam sequer colocar um barquinho; os cruzados ocuparam Chipre, a Palestina, a Síria, Creta e as ilhas do Mar Egeu; no noroeste da Europa, houve expansão inglesa na direção do País de Gales, da Escócia e da Irlanda; no leste europeu, alemães e escandinavos conquistaram as terras do Báltico e as habitadas pelos eslavos (FAUSTO, 2006, p. 20).

Com esse avanço se instalou uma crise intensa, a nobreza dividiu-se internamente em uma série de guerras, houve declínio da população, escassez de alimentos e epidemias, das quais a mais famosa foi a peste negra, que agravou entre 1347 e 1351 (FAUSTO, 2006).

As terras ocupadas por camponeses foram abandonadas e aldeias inteiras desapareceram, esse processo ocorreu, tanto em consequência da crise como do reagrupamento de terras por parte de grandes senhores que visaram sua exploração comercial (HOLANDA, 2007).

As discussões mais significativas sobre as causas da crise têm destacado o impacto das epidemias e as características do meio físico, como as variações do clima e as condições do solo, como fatores determinantes para o êxodo rural, Portugal não escapou à crise, entretanto, enfrentou-a em condições políticas melhores do que a de outros reinos, pelo fato de poder supera-la com as viagens marítimas (FAUSTO 2006).

Fausto (2006) ressalta que pioneirismo português para o mar foi impulsionada pela posição geográfica do país, próximo às ilhas do Atlântico e à costa da África, com correntes marítimas favoráveis, e elas começavam justamente nos portos portugueses e nos situados sudoeste da Espanha.

A expansão correspondia aos interesses diversos das classes, grupos sociais e instituições que compunham a sociedade portuguesa,

para os comerciantes era a perspectiva de um bom negócio; para o rei era a oportunidade de criar novas fontes de receita em uma época em que os rendimentos da Coroa tinham diminuído muito, além de ser uma boa forma de ocupar os nobres e motivo de prestígio; para os nobres e os membros da Igreja, servir ao rei ou servir a Deus cristianizando "povos bárbaros" resultava em recompensas e em cargos cada vez mais difíceis de conseguir, nos estreitos quadros da Metrópole; para o povo, lançar-se ao mar significava sobretudo emigrar, tentar uma vida melhor, fugir de um sistema de opressões (FAUSTO, 2006, p. 23).

Dessa convergência de interesses só ficavam de fora os empresários agrícolas, para quem a saída de "braços" do país provocava o aumento da mão-de-obra, sendo assim a expansão marítima corresponde a um grande projeto nacional, ao qual quase todos, aderiram e que atravessou séculos (FAUSTO, 2006).

**Figura 1- Conquistas e colonização na América**



Fonte: Fausto (2006).

Em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo, navegando a serviço de Castela, se deparou com algumas ilhas desconhecidas no Ocidente, quando retornou no ano seguinte, passou por Lisboa e relatou o acontecido para o rei de Portugal, dando-lhe notícias de novas regiões recém-descobertas (Holanda, 2007).

Os interesses europeus centravam-se no comércio de especiarias com elevado valor em seu mercado e obtidas principalmente no Oriente, a regularidade deste comércio era segura pelas feitorias alastradas de forma estratégica ao longo das rotas (ERTHAL, 2006).

Mas com a concorrência e a relativo crescimento desta atividade coligadas às potencialidades agrárias das áreas tropicais levaram os europeus a se tornarem colonizadores, “principalmente na América, tendo como base a agricultura de produtos também valorizados, destacando-se a cana-de-açúcar, tabaco, algodão, anil e arroz” (ERTHAL, 2006, p. 52).

Neste contexto, no dia 9 de março de 1500, uma frota de treze navios, com destino ao Oriente, a mais grandiosa que deixou o reino até então, aparentemente com destino às índias chega ao território brasileiro (HOLANDA, 2007).

No comando de Pedro Álvares Cabral a embarcação após passar as Ilhas de Cabo Verde a frota tomou rumo oeste, onde mais tarde encontraria o Brasil (FAUSTO, 2006).

Os portugueses avistaram a terra no dia 21 de abril, e nessa data, houve apenas uma breve descida à terra e só no dia seguinte a frota ancoraria no litoral da Bahia, em Porto Seguro (FAUSTO, 2006).



Conforme Holanda (2007) quando avistaram as terras somente do horizonte se via um grande monte muito alto e redondo, e mais ao sul uma serra e ainda uma planície vestida de arvoredo, contudo sendo semana da Páscoa, deu Pedro Álvares ao monte muito alto o nome de Pascoal, e à terra, o de Vera Cruz.

Ao pôr-do-sol ancoram os veleiros a uma distância de seis léguas da costa, na manhã seguinte, as embarcações menores foram até à praia, seguidas das outras, e todas lançaram âncora a meia légua da terra, junto à boca de um rio, alguns homens, pardos e nus, são vistos à beira-mar, um dos comandantes desce a terra e busca entender-se com os nativos, mas sem resultado pois não se pode entender o que eles falavam, os lusitanos relatam em suas cartas que a língua seria diferente de todas as linguagens conhecidas (HOLANDA, 2007).

**Figura 2 - Desembarque de Pedro Alvarez Cabral em Porto Seguro**



Fonte: Fausto (2006).

Em um outro desembarque foram trocados alguns presentes e, por ser tarde, voltam para o barco, no dia seguinte foi celebrado uma missa pelo Frei Henrique de Coimbra, acompanhado por outros sacerdotes, quando terminou o sermão em que o Frei se referiu ao descobrimento e invocou o sinal-da-cruz (HOLANDA, 2007), afirma o autor que foi aconselhado que alguns navegantes voltassem para Portugal para dar a notícia do sucesso da conquista.

O nome de Brasil aparece em 1503, a ele tem sido associado à principal riqueza da terra em seus primeiros tempos, o pau-brasil, seu cerne, muito vermelho, era usado como corante, e a madeira, de grande resistência, era empregada na construção de móveis e de navios (FAUSTO, 2006).

Há autores que relatam que os indígenas foram receptivos outros discordam. Holanda (2007) expressa em suas obras que esse primeiro encontro dos dois povos é o mais cordial que se poderia esperar, já Fausto (2006) fala que a chegada dos portugueses representou para os indígenas uma verdadeira catástrofe. Mas certamente os europeus se apresentaram precavidos fugindo de fazer o menor gesto que possa interpretar-se como provocação (HOLANDA, 2007).

O indígena, de sua parte, mostra-se acolhedor, embora com algumas reservas as mesmas que jamais deixará de manter, através dos séculos, pelo fato do “branco” invasor estar se apropriando e ter se apropriado de seu território (FAUSTO, 2006).

Vindos de muito longe, com gigantescas embarcações, os portugueses, e em especial os padres, foram associados pelos nativos aos grandes xamãs, que andavam pela terra, de aldeia em aldeia, curando, profetizando e falando-lhes de uma terra de abundância (HOLANDA, 2007).

Prado Junior (1961) relata que as primeiras experiências de exploração do litoral brasileiro se fundamentaram no sistema de feitorias, adotado na costa africana, o Brasil foi arrendado por três anos a um consórcio de comerciantes de Lisboa, liderado pelo cristão Fernão de Loronha ou Noronha, que recebeu o monopólio comercial do território.

A verdadeira colonização se iniciou com a fundação de vilas e cidades em lugares próximos da costa brasileira, as primeiras ligadas à iniciativa dos donatários e as últimas pela ação direta da administração portuguesa, assim alguns lotes de terras os pioneiros optaram pelo trabalho agrícola, assim introduziram-se as primeiras plantas cultivadas e os primeiros lotes de gado, animais de montaria e de alimentação e desenvolvendo-se os primeiros engenhos de açúcar (HOLANDA, 2007)

Nos anos, de 1500 a 1535, a principal atividade econômica foi a extração do Pau-Brasil, as árvores eram encontradas dispersas na natureza, à medida que a madeira foi-se esgotando no litoral, os europeus passaram a recorrer aos indígenas para obtê-las (SIQUEIRA, 2009).

Fausto (2006) considera que tem “duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil: o Estado e a

Igreja Católica, embora se trate de instituições distintas, naqueles tempos uma estava ligada à outra” (FAUSTO, 2006, p. 34).

O autor descreve que no início, houve uma divisão de trabalho entre as duas instituições, ao Estado teve o papel fundamental de garantir a soberania portuguesa sobre a Colônia, “dotá-la de uma administração, desenvolver uma política de povoamento, resolver problemas básicos, como o da mão-de-obra, estabelecer o tipo de relacionamento que deveria existir entre Metrópole e Colônia” (FAUSTO, 2006, p.34), “essa tarefa pressupunha o reconhecimento da autoridade do Estado por parte dos colonizadores que se instalariam no Brasil, seja pela força, seja pela aceitação dessa autoridade, ou por ambas as coisas” (FAUSTO, 2006, p. 35).

O papel da Igreja era relevante, como tinha em suas mãos a educação das pessoas, o "controle das almas", este um instrumento muito eficaz para veicular a ideia geral de obediência ao poder do Estado. A maior autonomia das ordens da igreja principalmente jesuítas resultou em vários momentos, pois elas obedeciam a regras próprias de sua instituição e tinham uma política definida com relação a questões vitais da colonização (FAUSTO, 2006).

Holanda (2007) apresenta que alianças com alguns agrupamentos indígenas amigos fortaleceram o esquema da vida colonial, garantindo a sua continuidade, enquanto os jesuítas designados para dar catequese se constituíram no elemento moderador entre as pretensões dos colonos e as crenças ancestrais dos gentios.

Os jesuítas, em suas atividades, contradiziam os interesses dos colonos e as conveniências da Coroa, mas concordavam igualmente para atingir o fim essencial, que consistia em destruir as bases de autonomia das sociedades tribais e diminuir as povoações nativas à dominação do branco, coube-lhes desempenhar as funções de agentes de assimilação dos índios à civilização cristã, em outras palavras, isso significa que os jesuítas conduziram a política de “destribilização”, entre os indígenas que optaram pela submissão aos portugueses e desfrutavam da regalia de “aliados” dos lusitanos (HOLANDA, 2007).

Em seus relatos, percebemos como eles concentraram seus esforços na destruição da influência conservantista dos pajés e dos velhos ou de instituições tribais nucleares, como o xamanismo, a antropofagia ritual, a poligamia etc.; como eles instalavam no ânimo das crianças, principalmente, dúvidas a respeito da integridade das opiniões dos pais ou dos mais velhos e da legitimidade das tradições tribais; e, por fim, como solaparam a eficiência adaptativa do sistema organizatório

tribal, pela aglomeração dos indígenas em reduzido número de “aldeias”, agravando os efeitos da escassez de víveres (resultante da competição com os brancos) e introduzindo desequilíbrios insanáveis nas relações dos sexos e no intercâmbio do homem com a natureza (HOLANDA, 2007, p. 160).

Com base desses acontecimentos Holanda (2007) refere esses aspectos sendo negativos e inevitáveis da atuação dos jesuítas e assinala em que sentido eles operavam como autênticos agentes da colonização e situam suas funções construtivas no plano da acomodação e do controle das tribos submetidas à ordem social dos portugueses.

Gomes (2017) afirma que a questão religiosa consta como sendo um dos fatores das Grandes Navegações, através das iniciativas de caráter religioso para propagar a salvação de Cristo, disseminando assim o cristianismo, em uma bandeira de universalização e de pregar o evangelho a todo mundo, se tornando a principal religião de dimensão planetária, pois até então a cristandade vivia fechada, mas ainda assim:

[...] enquanto a maioria das religiões da humanidade apresentaram um caráter local ou mesmo tribal, apenas três religiões demonstraram desde o começo constituir uma exceção e serem dominadas por uma concepção missionária e universalista: o Budismo, o Cristianismo e o Islamismo. No entanto, somente o Cristianismo conseguiu transformar-se numa religião universal, visto que o Budismo continua até hoje uma religião oriental e o Islamismo, apesar de ter-se espalhado a partir do Oriente Médio em várias direções – como a África, por exemplo –, não conseguiu atingir a abrangência alcançada pelo Cristianismo no mundo (MELLO, 2007 apud GOMES, 2017 p. 286).

Nota-se o papel primordial dos portugueses como pioneiros na expansão ultramarina, aproximando toda a humanidade e iniciando o processo de alastramento do evangelho, essa associação entre a cristianização e a expansão lusa foi influenciada tanto pela evolução do cristianismo na Europa quanto pela sua evolução no expansionismo português (GOMES, 2017).

A implantação das escolas jesuíticas em nosso meio decorreu, de um lado, dos propósitos missionários da Companhia de Jesus e, de outro, da política colonizadora inaugurada por D. João III (HOLANDA, 2007). Com a chegada dos primeiros jesuítas, foi introduzido o primeiro governador Geral do Brasil, em 1549

cujo grupo era constituído por quatro padres e dois irmãos chefiados por Manuel de Nóbrega (SAVIANI, 2008).

Houve lugares em que os homens da Igreja ajudaram a desenvolver o povoamento e outros em que os portugueses coexistiram com a religiosidade local sem buscar alterá-la (SIQUEIRA, 2009).

A inserção do Brasil no chamado mundo ocidental deu-se pelo fato de três aspectos: a colonização, a educação e a catequese. Já o processo de colonização ocorreu em três momentos propriamente ditos: a posse e exploração da terra subjulgado os seus habitantes, a educação enquanto aculturação e a catequese entendida como difusão e conversão dos colonizados (SAVIANI, 2008).

Nos Regimentos entregues por D. João III a Tomé de Sousa, em 1549, mandava-se expressamente a conversão dos indígenas à fé católica pela catequese e pela educação, identificados com esta política colonizadora, iniciaram os jesuítas o seu trabalho de catequese e de ensino (HOLANDA, 2007).

Holanda (2007) retrata que Nobrega realizou a implantação de um plano denominado de redizima, por ele preparado cuidadosamente, pois seria um plano para entrega o dizimo que poderia assegurar a perpetuidade dos estabelecimentos jesuíticos.

Em 1564, recebeu benefícios o Colégio da Bahia, depois os benefícios da redizima se estenderam aos colégios do Rio de Janeiro, em 1568, e de Olinda, em 1576, com o alvará de D. Sebastião, a Companhia de Jesus iniciou um novo momento, pois com os recursos financeiros permitiram-lhe atuação mais intensifica e garantiram-lhe a continuidade do trabalho catequético (HOLANDA, 2007).

Com o amparo financeiro real, aumentaram e se multiplicaram as casas da Companhia de Jesus e com as doações realizaram a construção do colégio em São Luís no Maranhão, cuidou-se também da fundação de um colégio em Ilhéu, na Paraíba, com as doações de Manuel Martins Vieira e sua esposa Inês Neta, iniciaram-se também os estudos, anteriormente em Santos, e posteriormente no Pará, criaram-se colégios destinados à formação dos noviços e à catequese, o Recife, existia em 1619 uma escola de ler e escrever, em 1655, já era constituída como colégio (PRADO JUNIOR, 1961).

No século XVIII, em pouco mais de cinquenta anos, a expansão da Companhia de Jesus foi ainda mais intensa: fundam-se colégios em 1716, em Alcântara; em 1717 na Colônia do Sacramento (Colégio de São Francisco Xavier); em 1723, em Fortaleza; em 1731, em Vigia; em 1738, em Paranaguá; e, em 1750, com provisão régia de 1751, em Desterro (Florianópolis), (HOLANDA, 2007, p. 161).

Gomes (2017) ressalta que o Brasil assentou-se com uma matriz cristã e a criação de ordens religiosas e novas dioceses, obtendo um aumento consideravelmente no número de jesuítas.

Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, foi primeiro Ministro de Portugal de 1750 a 1759, em seu governo tomou várias medidas sendo elas consideráveis, como a elevação do Brasil para a categoria de Vice-Reinado.

Nesse contexto, Pombal entrou em conflito com a Companhia de Jesus, na intenção de impor a Companhia e o controle português, assim chegando ao rompimento com a instituição. Os Jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias no dia 28 de junho de 1759, em lugar das escolas jesuítas foi substituído pelas aulas regias de Latim, Grego e Retórica, que nem de longe foi eficiente como o ensino organizado pela Companhia de Jesus (PILETTI; PILETTI, 2014).

O motivo principal da reforma pombalina segundo Carvalho (1978 apud PILETTI; PILETTI, 2014 p. 76):

[...] foi criar a escola útil aos fins do Estado e, nesse sentido, ao invés de preconizarem uma política de difusão intensa e externa do trabalho escolar, pretendemos os homens de Pombal organizar a escola que, antes de servir aos interesses da fé, servisse aos imperativos da Coroa.

Com a expulsão dos jesuítas, grandes e vastas propriedades da Companhia de Jesus eram cobiçadas por parte dos membros da elite colonial e da própria Coroa (FAUSTO, 2006). A maioria das propriedades urbanas e rurais confiscadas dos jesuítas foi leiloada, e assim, arrematadas por grandes fazendeiros e comerciantes.

Suas maiores Igrejas passaram pelas mãos dos bispos não integrados nas ordens religiosas, muitos dos colégios da companhia se transformaram em palácios dos governadores ou hospitais militares, houve um grande desperdício dos bens culturais, como as bibliotecas, que foram consideradas coisa de pouco valor (FAUSTO, 2006).

Para remediar os problemas criados com a expulsão dos jesuítas na área do ensino, a Coroa tomou algumas medidas. Foi criado um imposto especial, um auxílio literário para sustentar o ensino agenciado pelo Estado. O bispo de Pernambuco criou o seminário de Olinda, que era em parte para as ciências naturais e a matemática, pequenos clubes de intelectuais surgiram no Rio de Janeiro e na Bahia (GOMES, 2017).

As medidas de Pombal contra as ordens religiosas foram para subordinar a Igreja ao Estado português. Foi uma estratégia política muito bem elaborada, que teria como intenção evitar conflitos diretos com o papa (FAUSTO, 2006). A Igreja, aceitou a expulsão dos jesuítas, e mais do que isto, em 1773, o Papa Clemente XIV extinguiu a Companhia de Jesus, convencido de que ela trazia mais problemas do que vantagens, assim a ordem dos jesuítas só voltaria a existir em 1814.

Os jesuítas, com seu projeto educacional, tiveram um papel fundamental na formação da estrutura social, administrativa e produtiva da sociedade que estava sendo formada. Seu método pedagógico denominado Ratio Studiorum teve grande eficiência diante do tempo que se encontrava e diante de seus interesses. Esse é assunto para o próximo item do presente trabalho.

### **4.3 A origem do projeto educacional jesuítico**

O descrédito da Instituição Católica havia se tornado algo comum, ela começou a definhar em quase todos os setores, neste sentido, a Companhia de Jesus surgiu como o fruto dos próprios esforços da Igreja Católica em se reformar, bem como das pressões exercidas pela Reforma Protestante e pelas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais que a Europa atravessava.

A esses fatos, podemos acrescentar o fervor religioso de um homem, Inácio de Loyola, que fez surgir a maior e melhor arma da Igreja Católica, durante a época moderna, contra os avanços do protestantismo e do paganismo, criou a Companhia de Jesus (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

A companhia de Jesus foi criada por Inácio de Loyola (1491-1556), antigo militar, capitão na guarnição de Pamplona. Neste período ocorre uma guerra com a França, em que Inácio se feriu e foi enviado para recuperar-se na sua terra natal. Durante sua recuperação pediu literaturas de cavalaria para ler, como não

encontraram lhe deram uma “Vida de Cristo” e um “Florilégio de Santos”, assim encontrou sua verdadeira vocação e se dedicou o resto da sua vida para pregar e espalhar o evangelho (TOYSHIMA, 2011).

Logo após sua recuperação, já convertido, Loyola trajou-se de mendigo, negou os bens de sua família, e fez votos de pobreza e castidade, saindo como peregrino, com o objetivo de ir para Jerusalém e talvez ficar por lá, se assim lhe fosse permitido (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

A igreja Católica investiu na criação da companhia de Jesus em 1534, uma ordem religiosa que por meio dos princípios da Reforma Protestante desenvolveu um sistema de instrução que se conservou durante a maior parte do sistema de ensino dos séculos posteriores (ANDRADE, 2013).

Para a fundação da Companhia de Jesus algumas decisões foram fundamentais, entre elas estavam como se dispersariam pelo mundo sem perderem a sua união. Desta, implicou a segunda decisão do grupo, acerca da questão da obediência a alguém dentre eles, pois a obediência é a principal característica da ordem, que é fundamentada e organizada de forma militar (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

Então, com a aprovação de todos, Inácio pôs-se a redigir cinco capítulos, que eram um primeiro esboço das Constituições da Companhia de Jesus. Quando este primeiro esboço foi exposto ao papa, este, por meio da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, aprovou a Companhia para um número de sessenta professores. Logo após a fundação, foi preciso consolidar e solidificar a Companhia, assim para completar as linhas mestras que haviam sido criadas, Inácio e Codure foram escolhidos para a redação das Constituições (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

Segundo Toledo e Ruckstadter (2002) após terminadas e solucionadas estas questões, os jesuítas passam a se preocupar com a questão da obediência e, por isso, decidiram eleger o seu superior geral. Inácio foi eleito por unanimidade, exceto seu voto, com isto, disse que não se considerava apto para tal cargo e que preferia ser governado a governar. Recusando o resultado, pede uma nova eleição, quatro dias após a primeira, novamente os companheiros elegeram-no, assim ele só aceitou depois de conversar com o padre e o mesmo dizer para ele que recusar este cargo era o mesmo que recusar ao Espírito Santo.



Assim, em 22 de abril de 1541, todos fizeram os votos, na basílica de São Paulo, que havia sido escolhida para esta ocasião. Inácio apresentou os seus votos ao Vigário de Cristo, embora em momentos diferentes, os companheiros distantes também proferiram os seus votos, elegiam assim Inácio como Superior Geral da Companhia (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

Toledo e Ruckstadter (2002) afirmam que não somente a vida nos colégios é bem organizada, mas também a vida de toda a companhia, por meio das Constituições, “A rígida instituição, organizada militarmente, tem na sua organização hierárquica o seu ponto de equilíbrio. A obediência, nesse sentido, é a peça-chave do funcionamento deste motor que chamamos de Companhia de Jesus” (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002, p. 107).

A companhia deveria ser composta de homens de caráter e dignos para pregar o evangelho, aptos a se sacrificar pelo serviço da Igreja (FRANCA, 2019). A pedagogia Inaciana era instruída pelo Evangelho, o qual tem como fundamento os princípios da moral de Jesus Cristo.

Os padres jesuítas eram formados pela rígida disciplina e dotados de um profundo conhecimento da fé, tudo isso acompanhado a um grande envolvimento com a educação e a catequese. Estes contribuíram para a configuração de uma nova definição do sacerdócio católico, que se envolve em uma nova perspectiva social (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

Inácio queria fazer da Companhia de Jesus uma organização com homens dotados da mais completa cultura intelectual, os quais para serem admitidos deveriam ser escolhidos pelo talento e pela virtude para que assim pudessem servir a sociedade e a Igreja (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

Madureira (1927 apud KASSAB, 2010) contrapõe esta afirmativa, e conclui que seria um erro supor que o ideal do fundador da Companhia foi de ilustrar a Igreja com sábios e letrados, mas sim transformar o ensino em um meio de regeneração e elevação da humanidade para reformar as ideias, melhorar os costumes, iluminar o entendimento e modificar a virtude existente no homem, formando homens sábios de caráter que se aproximem tanto quanto possível do modelo que ele estudava, que era um Homem-Deus, modelo ideal da mais alta

perfeição humana. A Companhia colocou a formação intelectual dos padres em lugar de destaque, objetivando o preparo de homens para novos desafios (LEITE, 1949).

Em agosto de 1548 acatando a solicitação do vice-rei da cidade de Messina, Inácio aceitou abrir o primeiro colégio da Companhia devidamente organizado. Paris foi escolhida para a abertura deste grande colégio, e como modelo de ensino foi utilizado o *modus parisienses*<sup>1</sup>. Com o sucesso do colégio foi requerido a abertura de um novo colégio dando o impulso necessário para que Nadal redigisse um novo plano de estudos para ser enviado para Roma e de Roma para os outros colégios. (FRANCA, 2019).

Provavelmente no ano seguinte terminou ele o seu tratado intitulado de *De Studio Societatis Iesu*, onde já estava inserida a organização completa dos estudos, desde as classes de gramática até as faculdades superiores de caráter universitário, com a abertura de novos colégios o método mais utilizado foi o de Messina (FRANCA, 2019).

Os colégios jesuíticos, desde o início, foram idealizados e fundados sobre a ideia de uma sólida formação, tanto para os alunos não religiosos, quanto para os membros da Ordem. A preocupação com a boa formação dos futuros jesuítas foi um importante marco da Companhia de Jesus e muitos nobres foram em busca de tal formação o que fez com que suas escolas passassem, a ser referências pedagógicas em todos os lugares onde estavam construídas. (TOLEDO; RUCKSTADTER, 2002).

Segundo Franca (2019) a Companhia de Jesus era dividida administrativamente em províncias que compreendem várias casas e colégios, sendo que cada província possuía à frente a figura de um provincial, o mesmo ainda teria como função nomear o Prefeito de Estudos e de disciplina, em promover os estudos na sua Província, e propor as modificações de tempo e lugar.

Leite (1949) relata que para se constituir uma Província era necessário certos critérios, como ter poder aquisitivo para manter suas despesas e atender a circunstâncias geográficas ou linguísticas. Quando as casas se tornavam numerosas dava-se origem a uma nova Província, ou a uma Vice Província.

---

<sup>1</sup> O *modus parisiensis* é o modelo de ensino utilizado em Paris, e escolhido como adequado e preciso pelos Jesuítas (FRANCA, 2019).

O objetivo central da Companhia era:

Como um dos ministérios mais importantes de nossa Companhia é ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso, tenha o Provincial como dever de zelar com todo empenho para que aos nossos esforços tão multiformes no campo escolar corresponda plenamente o fruto que exige a graça da nossa vocação (FRANCA, 2019, p.91).

Diante deste fragmento percebe-se que a intenção desses missionários era formar uma parte da população com os ideais da Igreja, para combaterem os rebeldes e converter os pagãos, criando-se o *Ratio Studiorum* como um instrumento para que isso pudesse se realizar.

A Companhia de Jesus foi construída, a partir de suas experiências, assim como a Construção do *Ratio Studiorum* que levou anos até a publicação final. A organização da Companhia foi se consolidando por meio das Constituições e depois por meio do *Ratio Studiorum* que serviria de base para unificar o ensino em todos os cantos do mundo onde a Companhia estava implantada (ANDRADE, 2013).

Percebe-se assim, que as principais características da Companhia foram frutos da experiência dos padres não só na Europa, como também por meio de missionários espalhados pelo mundo. Quando Ignácio de Loyola faleceu, a Companhia de Jesus contava com 33 colégios em atividade e 6 outros já por ele formalmente aceitos, espalhados na Itália, na Espanha, na Áustria, na Boêmia, na França e em Portugal (KASSAB, 2010).

Constituídos do espírito de propagadores da fé cristã além dos limites europeus, os jesuítas conduziram-se para a América. Chegaram ao Brasil em 1549, com o primeiro Governador-Geral, Tomé de Sousa, e em 1566 o Conselho das Índias autoriza a vinda dos membros da Companhia de Jesus à América Espanhola, chegam a Lima em 1568, dedicando-se quase que exclusivamente ao ensino (COLAÇO, 2006).

Na América, os jesuítas, serviram aos interesses coloniais das monarquias ibéricas, para ocupar-se do território e ampliar e defender as fronteiras, “pacificando” os indígenas e, principalmente, para desempenhar o poder e atuar como eficiente veículo de divulgação da cultura cristã ocidental (COLAÇO, 2006).

O método pedagógico jesuítico caracteriza-se como um manual prático que preconiza métodos de ensino e orienta o professor na sua organização. Assim analisamos este manual no resultados e discussões, e iremos expor a organização e o método para uma maior visualização do leitor das contribuições do mesmo.

## 5 METODOLOGIA DA PESQUISA

### 5.1 Delineamento do Estudo

O presente trabalho, em seu principal foco, apresentou um estudo sobre o ensino jesuítico, com o objetivo de analisar como foi o processo que eles utilizaram para desenvolver uma metodologia e como aplicaram o *Ratio Studiorum* para desempenhar esse propósito.

Uma pesquisa científica pode ser classificada de diferentes modos, de acordo com os objetivos que foram definidos pelo pesquisador (CERVO; BERVIAN, 2002). Ela é firmada no conhecimento de normas metodológicas e em conhecimentos básicos sobre a questão. Estes conhecimentos são “que dizem respeito à filosofia da ciência, à metodologia científica, à redação do trabalho científico e à forma de apresentação” (BRENNER; JESUS, 2008, p. 48).

Lima (2004) afirma que a pesquisa acadêmico-científica tem que ser realizada de forma planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas metodologicamente consagrada pela ciência.

A fim de melhor atender aos objetivos propostos, o trabalho teve como fundamento a pesquisa documental e análise bibliográfica.

No processo de organização metodológica desta pesquisa realizamos uma investigação bibliográfica de estudos disponíveis sobre o tema, priorizando assim os estudos das fontes documentais do período assim como textos historiográficos.

O uso de documentos em uma pesquisa deve ser valorizado, pois através deles podemos extrair informações, pode-se também ser utilizado em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

O uso de documentos permite acrescentar em uma pesquisa uma dimensão de tempo e compreensão social. Sendo a pesquisa documental um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão, pode assim fazer uma análise de documentos dos mais variados tipos. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Contudo tal avaliação constitui a primeira etapa de toda a análise documental, que se estende em cinco dimensões sendo elas o contexto, que avalia todos os aspectos do contexto histórico que foi produzido o documento, o autor pois tem que ter uma compreensão do mesmo e seus motivos e interesses que levou a escrever e interpretar os fatos, a autenticidade e a confiabilidade do texto, não se pode esquecer de verificar a procedência e qualidade do documento, os conceitos-chave e a lógica interna do texto, analisando os conceitos adequadamente (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Elegemos a pesquisa documental como método para responder a problemática que valida o presente trabalho uma vez que ao analisarmos o texto original do *Ratio Studiorum*, estamos estruturando um discurso a partir de um material que não recebeu tratamento analítico, ou seja, utilizamos a própria fonte histórica.

## **5.2 Coleta de Dados**

Realizamos a escolha de estudos sobre o tema “A Metodologia Jesuítica: explorando o *Ratio Studiorum*” no período de até 15 anos antecedentes a esta publicação, contudo também foi realizado uma pesquisa em livros com o contexto histórico que antecede ao processo de colonização, durante e após o mesmo, e o documento *O Ratio Studiorum* do ano de 1599.

As referências bibliográficas foram selecionadas por meio de ferramentas de acesso e busca nas bases de dados da SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), Google Acadêmico e em livros e artigos existentes na Biblioteca da Faculdade de Apucarana (FAP). As publicações foram analisadas e coletadas durante os meses de 02/2019 a 04/2020, para o levantamento da pesquisa na rede de base de dados, sendo utilizado descritores na matéria de História de Educação, com as palavras chave, Educação Jesuítica, Companhia de Jesus, Contrarreforma.

## **5.3 Análise e discussão dos dados**

A pesquisa foi realizada em três etapas: a primeira etapa, a pré-análise, exploração dos materiais e interpretação dos resultados; na segunda etapa

realizamos a leitura e extração de dados, possibilitando uma visão abrangente do conteúdo, já na terceira etapa, com a leitura realizamos à codificação da temática fixada nos fichamentos e organização de categorias para resultado e discussão de acordo com a literatura.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1 Organização do projeto jesuítico

Das grandes contribuições e inovações que a Companhia de Jesus trouxe, destaca-se a questão educacional, cujas funções metodológicas, curriculares e organizacionais refletem de maneira decisiva no ensino, até os dias atuais (TOYSHIMA, 2011). Tratando-se da atuação dos padres jesuítas, inclusive em terras brasileiras, torna-se fundamental que se aborde o método da catequese desenvolvido por eles, por meio da educação que se realizaram suas expedições (LIMA, 2008).

Franca (2019), que faz o uso do termo Contrarreforma, afirma que “a obra educativa dos colégios da Companhia foi um dos fatores mais eficientes da Contrarreforma católica, senão também que a ela se acha ligada grande parte da aristocracia intelectual dos últimos séculos” (FRANCA, 2019, p. 8) e que, a educação proposta pela Companhia é “um sistema pedagógico que tem em seu abono a prova decisiva de uma experiência multissecular” (FRANCA, 2019, p. 8).

Considerando que a atuação dos jesuítas não fosse totalmente de interesses políticos, o ideal de propagação da fé e salvação de almas, por meio da educação, não se mantinha apenas para os nobres (ANDRADE, 2013). Sobre os estabelecimentos de ensino jesuíticos, Franca (2019, p. 7) ainda afirma que “em 1750, poucos anos antes da sua supressão a Ordem de Inácio dirigia 578 colégios e 150 seminários, ao todo, 728 casas de ensino”.

Costa (2007, p.32) acrescenta que “o colégio não se restringia ao espaço da educação dada pelos jesuítas aos brancos cristãos ou aos filhos de escravos e nativos, pois ele era o centro administrativo da vida dos jesuítas, principalmente nas terras em missão”.

Franca (2019) afirma que havia a abertura para adaptações necessárias referentes a mudanças na cultura, em relação aos estudos, tempo, exercícios, férias e disputas e ressalta ainda que “na prática, os colégios dos jesuítas não se imobilizaram numa rigidez sem vida, mas com espírito sabiamente conservador e prudentemente progressivo souberam sempre acompanhar o passo de uma cultura que marcha” (FRANCA, 2019, p.27)



Segundo Toyshima (2011), no mesmo ano da chegada das Jesuítas em 1549 eles construíram em Salvador, a primeira escola, o Colégio dos Meninos de Jesus. Também em Salvador fundaram a Província, e a sede da Ordem, em 1553, o Colégio dos Jesuítas da Bahia, que incluía um curso em humanidades e o noviciado para a formação de padres, e forma a primeira instituição de nível superior no Brasil, contudo nesta instituição formaram-se sacerdotes como José de Anchieta e Antônio Vieira (TOYSHIMA, 2011).

Saviani (2008) relata que o primeiro período da educação Jesuítica no Brasil foi marcado pelo plano de instrução elaborado por Nobrega que iniciava o aprendizado com:

[...] português (para os indígenas); prosseguia com a doutrina cristão, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e de outro lado, com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização estudos superiores na Europa (Universidade de Coimbra) (SAVIANI, 2008, p. 42).

O referido autor conclui que esse plano não deixava de conter as preocupações da colônia, pois sempre levava em consideração as condições específicas da mesma, contudo sua aplicação foi precária encontrado algumas contradições dentro da Ordem Jesuítica, e este plano contribui para a formação do futuro documento norteador dos jesuítas o *Ratio Studiorum*.

As missões jesuíticas na colônia tiveram o propósito da pregação da fé, o cristianismo, o trabalho educativo, ensinar regras e a língua portuguesa, através da catequese, pois os Jesuítas tinham livre acesso nas Casas-Grandes, Senzala e nas aldeias indígenas (PAIVA, 1982).

A catequização dos nativos chamados de “índios” era um ensino de pequenos serviços agrícolas, o teatro, a musicalização, elementos formadores que eram utilizados no processo de “civilização” dos nativos. Apesar de não se enquadrarem na educação formal neste período, essas práticas não deixam de ser educativas (NEVES, 1978). Sobre a catequização indígena:

A Companhia de Jesus foi fundada para difundir a Palavra especialmente a povos que não a conheciam – e por meio de uma socialização prolongada. Dirigem-se a homens que não são, portanto

85 iguais a si – e quer transformá-los para incorporá-los à cristandade (NEVES, 1978, p. 45).

O Projeto Educacional Jesuítico não era apenas de catequização, mas sim um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar mudanças radicais na cultura indígena brasileira (NEVES, 1978).

A instituição de colégios para estudantes não pertencentes à Ordem, não era a intenção inicial de Inácio, mas logo se fez necessária, pois era um instrumento eficaz para a renovação cristã e para formar jovens que continuariam a missão de trabalhar para a maior glória de Deus (NEVES, 1978).

## **6.2 O Ratio Studiorum**

Em 1551 Pe. Nadal professor e Reitor e o Pe. Coudret professor de Gramática, enviaram uma descrição completa do currículo e dos métodos seguidos no Colégio Siciliano situado em Roma. Essas normas citadas nesse período como *mos et ratio Collegii romani* foi o primeiro esboço do futuro Ratio Studiorum, que mais tarde seria enviado por Roma para os diferentes países da Europa (FRANCA, 2019).

Em 1552 a 1557 Nadal percorreu quase toda a Europa para explicar e promulgar as *Constituições* da Ordem, neste percurso teve o desejo de uniformizar o ensino nos colégios já existentes em Portugal, Espanha e Alemanha. Quando voltou dessas viagens em 1557 foi nomeado Prefeito de Estudos no Colégio Romano e mais tarde eleito reitor do mesmo colégio, foi nesta época que com sua grande experiência reviu o plano do seu *De Studiis Societatis*, assim elaborou a nova *Ordo Studiorum* posto em execução em seu reitorado (FRANCA, 2019).

Todo o trabalho de Nadal foi substituído por Ledesma até sua morte em 1575, sendo sua missão rever e ampliar o programa de estudos do Colégio Romano. Assim, em 132 documentos publicados 59 foram por ele atentamente transcritos, anotados e revistos e deste imenso trabalho saiu o seu *De ratione et ordine Studiorum Collegii Romani* que deveria servir para todos os Colégios da Companhia. Contudo, a obra não pode ser levada pelo seu autor pois este morreu antes de colocá-la em ação, mas representa a maior contribuição individual na elaboração do *Ratio* definitivo de 1559 (FRANCA, 2019).

Franca (2019) relata que foi Acquaviva grande promotor e promulgador do *Ratio*, em uma carta aos delegados da província siciliana relata o grande crescimento dos Colégios, que só nos primeiros quatro anos ele recusaria mais de 60 pedidos de novos Colégios na Europa. O primeiro Colégio da Companhia foi aberto em Billom na França em 1556 com 500 alunos e depois de quatro anos aumentava consideravelmente para 1600 alunos.

Com esta celebre expansão criava-se inúmeros problemas desde a organização ao governo, que deveriam ser resolvidos com firmeza e energia. Para se estabilizar o governo dos Colégios o mesmo adquiriu pessoas denominadas Comissários Gerais, estes responsáveis de estabelecer uniformidade, desenvolver eficácia da obra educativa da Ordem (FRANCA, 2019).

Segundo Franca (2019) na ordem jesuítica foi produzido também as *Constituições* que Pe. Nadal foi encarregado durante muito tempo de promulgar e interpreta-las, e ao mesmo tempo inspecionar e organizar os estudos, assim percorre quase toda a Europa, mas pela vontade de Inácio as normas estabelecidas não deveria substituir um plano, mas que padronizasse a organização, é o próprio Inácio que determina nas *Constituições* que deveria elaborar um método que permeasse em todos os colégios e faculdades, sendo a *Constituição* um documento que que complemento o *Ratio*, só assim com codificação de leis e processos educativos poderia evitar as mudanças, e assegura um método uniforme em todos os colégios.

O *Ratio* se originou em 1586, sendo suas normas enviadas para as principais províncias para serem examinadas. Nele recomendava-se que cada província escolhesse pelo menos cinco padres dotados do saber e prudência, para que estudassem a nova fórmula de estudos, primeiro em particular depois em consultas e por fim redigissem um parecer para ser enviado para Roma em cinco ou seis meses (FRANCA, 2019).

Esse primeiro *Ratio* não possuía caráter definitivo nem obrigatório, não devendo ser colocado em execução, sendo apenas analisado. Após a volta dos pareceres dois pontos importantes foram demonstrados “a imprecisão e prolixidade da formula examinada” (FRANCA, 2019 p. 22). Foram debatidas largamente as questões pedagógicas com argumentos pró e contra, relataram sobre os direitos dos

professores e o ensino do Grego com os primeiros elementos do Latim, entre outras questões.

Na edição de 1591, Acquaviva mandou uma nova versão do plano de estudos com o título de *Ratio atque Institutio Studiorum, Romae, um Collegio Soc. Iesu, anno Domini*. Tendo modificações radicais, eliminou as discussões e dissertações que justificava os preceitos práticos, teve alterações nas regras relativas a administradores, professores e estudantes, o caráter também não era o mesmo, pois já não se tratava de um anteprojeto a ser analisado por pessoas qualificadas, mais sim um código de leis a ser seguidas mesmo que não seja de modo definitivo, assim colocou-se em prática durante três anos para depois mandar os resultados para Roma para a promulgação oficial (FRANCA, 2019).

Na sua última edição em 1599, o texto do *Ratio* foi constituído através dos resultados levados em 1594, pois com as críticas foi construído um plano, dando uma redação mais concisa, reduzindo assim pela metade o texto. Enquanto a segunda edição contava com 400 páginas, nesta última não passava de 208, as regras modicou-se pois a anterior era composta de 837 regras e foi reduzida a 467, chegando por fim a promulgação oficial do *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* em janeiro de 1599, que já não era mais um projeto de estudos, mas uma promulgação de lei (FRANCA, 2019).

Para se chegar à definição e organização do *Ratio Studiorum* foram desenvolvidos alguns planos de estudos, que serviram como norteadores para sua elaboração como afirma Storck (2016).

Conforme aponta Franca (2019) os passos principais para se chegar até o *Ratio* foi, o Plano de Messina, a IV parte das *Constituições* escritas por Santo Inácio, o Plano de Nadal conhecido sob o título *Ordo Studiorum, o De Ratione et Ordine Studiorum* que em sua intenção deveria servir para todos os colégios da Companhia, mas este último, Ledesma deixou incompleto em 1575 com sua morte.

Storck (2016, p.150), ressalta que “Havia, portanto, iniciativas individuais na produção de documentos, mas não algo em comum e de caráter permanente para toda a Ordem. Todos os documentos produzidos eram transitórios e aplicados em algumas obras educacionais específicas”.

A formulação do *Ratio Studiorum* levou mais de 50 anos, sendo criadas inúmeras versões a fim de testar sua aplicabilidade em todos os colégios da ordem e com a expansão da Companhia de Jesus pelo mundo (LIMA, 2008).

Neste panorama, os Jesuítas foram cautelosos até sua publicação final em 1599, assim, Lima (2008, p.35), afirma que:

O *Ratio Studiorum* é um símbolo que caracteriza a Sociedade de Jesus e a maneira como ela foi se construindo durante o século XVI. Levou cerca de 50 anos desde a fundação do colégio de Messina - e com isso a elaboração de um primeiro esboço das práticas pedagógicas até a publicação oficial do documento. Da redação inicial até sua publicação em 1599 passaram-se 15 anos. Diante disso, nota-se que o *Ratio* é fruto de muitas experiências e avaliações, não só de alguns padres, mas como também de numerosos jesuítas que estavam distribuídos pelos colégios da Companhia.

Franca (2019) apresenta que o código representado pelo *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* caracteriza-se como um manual prático de métodos de ensino que orienta o professor na organização de sua aula.

Depois de 50 anos e com uma experiência rica, ampla, variada, talvez compunha um caso excepcional na história pedagógica (FRANCA, 2019). E o *Ratio Studiorum* foi talvez, a proposta mais clara para traduzir a prática pedagógica dos colégios jesuítas como reconhece Durkheim (1995 apud SAVIANI, 2008, p.59).

### 6.3 Análise da metodologia expressa no *Ratio Studiorum*

Segundo Saviani (2008) o manual contém 467 regras, cobrindo todas as atividades dos agentes envolvidos ao ensino. O quadro a seguir foi retirada em suas obras e, tem como finalidade proporcionar um esboço das regras e normas instituídas no documento.

**Quadro 1- Regras do *Ratio Studiorum***

	467
A) Regras do provincial	40

B) Regras do reitor	24
C) Regras do prefeito de estudos superiores	30
D) Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores	20
E) Regras particulares dos professores das faculdades superiores distribuídas em: a) Regras o professor de Escritura (20); b) Regras do professor de Hebreu (5); c) Regras do professor de Teologia (14); d) Regras do professor de Teologia Moral (10);	49
F) Regras dos professores da faculdade de Filosofia: a) Regras do professor de Filosofia (20); b) Regras do professor de Filosofia Moral (4); c) Regras do professor de Matemática (3);	27
G) Regras do prefeito de estudos inferiores	50
H) Regras dos exames escritos	11
I) Normas para a distribuição de prêmios	13
J) Regras comuns aos professores das classes inferiores	50
L) Regras particulares dos professores das classes inferiores: a) Regras do professor de Retórica (20); b) Regras do professor de Humanidades (10); c) Regras do professor de Gramática Superior (10); d) Regras do professor de Gramática Média (10); e) Regras do professor de Gramática Inferior (9);	50
M) Regras dos estudantes da Companhia	11
N) Regras dos que repetem a teologia	14
O) Regras do bedel	07
P) Regras dos estudantes externos	15

Q) Regras das academias, distribuídas em: a) Regras gerais (12); b) Regras do prefeito (05); c) Regras das academias de teologia e filosofia (11); d) Regras do prefeito da academia dos teólogos e filósofos(04); e) Regras das academia de retórica e humanidades (07); f) Regras da academia dos gramáticos (08)	47
---	----

Fonte: SAVIANI, 2008.

Saviani (2008) afirma que o plano foi construído com um conjunto de regras cobrindo todas as áreas do ensino. Segundo o autor, as regras eram distribuídas respectivamente, pelas Regras do Provincial, a do Reitor, do Prefeito de estudos, dos professores de modo geral de cada matéria. Havia a prova de escrita, de distribuição de prêmios, do bedel, para os alunos e acabava com as regras gerais da instituição.

As ideias escritas no *Ratio* correspondem ao que foi conhecido na modernidade como pedagogia tradicional (SAVIANI, 2008),

Essa concepção pedagógica caracteriza-se por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência universal e imutável. A educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano (SAVIANI, 2008, p.58).

Para os cursos Superiores e Secundários o *Ratio* organizou um currículo muito preciso e detalhado. Adiante, podemos ver a organização curricular do *Ratio Studiorum*, conforme apresenta Franca (2019).

#### Quadro 2- Organização curricular do *Ratio Studiorum*

Currículo Teológico - 4 anos	
Teologia Escolástica	Dois professores, cada qual com 4 horas por semana.
Teologia Moral	Dois professores com aulas diárias ou um professor com duas horas por dia.

Sagrada Escritura	2 anos com aulas diárias.
Hebreu	1 ano, com duas horas por semana.
Currículo Filosófico - 3 anos	
1º ano	Lógica e introdução às ciências contendo um professor com 2 horas por dia
2º ano	Cosmologia, Psicologia, Física com 2 horas por dia e Matemática com 1 hora por dia.
3º ano	Psicologia, Metafísica, Filosofia moral contendo dois professores com 2 horas por dia
Currículo Humanista - 3 anos	
O currículo humanista corresponde ao moderno curso secundário, abrange no Ratio cinco classes:	
Retórica; Humanidades; Gramática Superior; Gramática Média e Gramática Inferior.	

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Franca (2019).

O Ratio Studiorum cita cinco classes inferiores: uma de retórica, outra de humanidades e três de Gramática. O curso de retórica e humanidades, ainda que seja difícil prescrever a sua duração, não deve ocupar em regra menos de dois anos, pois ninguém poderia ser enviado à filosofia antes de haver estudado dois anos de retórica (HOLANDA, 2007).

Os estudos de gramática, de acordo com as próprias partes da “Arte do Padre Alvarez”, livro adotado em todas as escolas da Companhia, compreendiam



três partes, uma para cada classe, de tal modo, porém, que em cada uma das classes inferiores, recomenda o Ratio Studiorum (HOLANDA, 2007).

Segundo Holanda (2007) os estudos no Brasil, adaptados às disposições das Constituições e do Ratio, seguiram mais de perto os programas do Colégio de Évora, que pertencia à Companhia de Jesus.

O quadro a seguir apresenta como era o programa de 1563 desse Colégio e previa a seguinte distribuição das classes e suas seguintes bibliografias segundo Holanda (2007):

**Quadros 3- Distribuição de classes e bibliografias no Brasil**

Classes	Bibliografias
Retórica	Livro da Eneida; o das Odes; De Lege Agraria; De Oratore; de Cícero que estava em grego, os Diálogos de Luciano;
Humanidades	De Bello Gallico; o livro da Eneida e estudo da Gramática Grega;
Primeira classe de Gramática	O livro da Eneida; a Retórica do Padre Cipriano Soares; e o Discurso Post Reditum, de Cícero;
Segunda classe de Gramática	Cícero, De Officiis, e Ovídio, De Ponto;
Terceira classe de Gramática	Ovídio, De Tristibus, e Cartas de Cícero:
Quarta classe de Gramática	Cartas Familiares de Cícero e a 2ª parte da Gramática Latina;
Quinta classe de Gramática	Rudimento de Gramática Latina, com uma seleção das cartas de Cícero.

Fonte: Adaptado de Holanda (2007).

Os estudos de Évora, como relata o Padre Serafim Leite, são antes do Ratio Studiorum, e tiveram depois maior extensão, mas correspondem sensivelmente aos utilizados no Brasil, sensivelmente, porque há diversidade no número de classes, e entre os autores lidos no Brasil aparecem Quinto Cúrcio e Sêneca não mencionados nesse programa de Évora (HOLANDA, 2007)

As orientações desses estudos, ao lado da sua íntima identificação com os propósitos colonizadores da Metrópole foi, entretanto, bruscamente interrompida com a expulsão dos jesuítas (HOLANDA, 2007).

Devemos considerar em nosso estudo a metodologia adotada pelos jesuítas, que é a parte mais desenvolvida no Ratio, contudo iremos apresentar como está estabelecido as normas referente ao esquema de ensino deste documento, assim ressaltamos algumas das normas, pois como futuros componentes de uma instituição de ensino, deve-se compreender mais aprofundado alguns aspectos.

Franca (2019), ressalta que na metodologia não ocorreu uma padronização rígida do processo de trabalho, pois a variedade de métodos propostos dava uma ampla liberdade de escolha que poderia ser adaptada às circunstâncias. O autor também afirma que ao mestre se confere grandes poderes de iniciativa, podendo ele fazer uso dos métodos preestabelecidos ou apropriar-se de novos.

Este documento fixa o número de alunos por turma, a duração de uma aula, as diferentes disciplinas leccionadas, também que cada professor leccionaria apenas uma disciplina e não várias para que pudesse haver um maior aprofundamento da mesma (FRANCA, 2019).

A preleção é uma lição antecipada, isto é, uma explicação do que o aluno deverá estudar, cujo método e aplicações variam de acordo com o nível intelectual dos estudantes. Nas classes elementares de gramática, após a leitura e o resumo do texto, o professor explica, resolve as dificuldades relativas ao vocabulário, à propriedade dos termos, o sentido das metáforas, a gramática e a conexão das palavras, assim na medida em que a classe se aproxima da retórica começam as questões relativas à sintaxe, ao estilo e à arte de composição (FRANCA, 2019).

Nas regras do provincial destaca-se a seleção dos professores, pois ela se preocupa com a formação adequada do mesmo para um maior aprendizado dos educandos. Para auxiliar os professores nas aulas, na organização de grupos,

passagem e correções de lições, controle na disciplina, seriedade e constância em aula haviam os decuriões, alunos escolhidos pelo desempenho escolar e mérito pessoal (FRANCA, 2019).

Passamos para processos didáticos aos estímulos pedagógicos utilizados nos Colégios da Companhia para incentivar a atividade dos alunos, é necessário destacar que os jesuítas não eram amistosos dos castigos corporais. Um exemplo pode ser percebido na regra quarenta do professor das Classes Inferiores quanto ao modo de castigar. No texto se pede que ao castigar o docente não seja precipitado, nem fale injúrias, e afirma também que por vezes é útil em lugar do castigo acrescentar mais exercícios além do exercício do dia. Assim, deixando ao perfeito os castigos mais severos, menos costumados ou por faltas cometidas por fora da aula (FRANCA, 2019).

Nos casos mais graves quando as boas palavras e exortações não fossem suficientes era aplicado castigos físicos, assim era chamado um corretor para aplicar a palmatória, cujas batidas não ultrapassavam de seis, e não poderia se bater no rosto ou na cabeça, e sempre com a presença de pelo menos duas testemunhas (FRANCA, 2019).

Os castigos físicos ficavam sempre como último recurso, uma vez que a regra era recorrer aos sentimentos mais nobres da honra e da dignidade, a emulação constitui em seu sistema uma das forças psicológicas mais eficientes, pois as alunos queriam ganhar prêmios pelo seu comportamento (FRANCA, 2019).

As premiações eram incentivadas por grandes autoridades eclesásticas e civis, na presença de familiares eram realizados eventos solenes para a distribuição dos prêmios aos alunos merecedores, as premiações aconteciam por meio de torneios escolares, sessões literárias, entre outros (FRANCA, 2019).

Prescreve também quais livros que deveriam ser dados aos alunos, pois além da Suma Teológica de São Tomás de Aquino, filósofos como Aristóteles eram indicados. Um exemplar da Bíblia era solicitado e estabelecia a proibição de livros que possam prejudicar a honestidade e os bons costumes segunda a visão cristã (FRANCA, 2019).

Quanto ao horário o Ratio dispõe 5 horas por dia de estudos, sendo duas horas e meia pela manhã e as demais no período da tarde, o tempo era distribuído

entre o Grego e o Latim, a Prosa e a Poesia, e os diversos exercícios escolares, preleção, lição, composição, desafio entre outros. A ordem dos estudos poderia ser alterada de acordo com os costumes locais e as estações do ano (FRANCA, 2019).

Inúmeras são as características que marcaram a pedagogia jesuítica. Nossa intenção não é apresentar todas, mas evidenciar que a educação foi um fator bem cultivado e administrado nos seus colégios, onde suas normas e determinações eram cuidadosamente seguidas e respeitadas, contudo podemos notar que estas normas estão presentes nas instituições de ensino nos dias atuais, podemos notar a presença de traços no PPP (projeto político pedagógico) que contém todas as normas do estabelecimento de ensino até mesmo no plano de aula do professor sendo ele anual ou mensal.

É possível problematizar cada um dos dados apresentados pelo *Ratio* na medida que nos lançamos à compreensão de que os mesmos fundamentaram e foram as bases da pedagogia tradicional no Brasil. É visível que muitos elementos teóricos, práticos e metodológicos, estão presentes na formação do professor e na prática docente das últimas décadas demonstrando que a educação brasileira foi marcada por rupturas e continuidades nas abordagens pedagógicas.

Contudo, o tempo escasso e as limitações estruturadas no início da pesquisa não possibilitou essa problematização com mais profundidade, algo que a autora pretende dar continuidade e estudos posteriores.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as transformações ocorridas na transição do Medievo para a Modernidade, aliadas à corrupção que ocorreu dentro da Igreja Católica como abuso de poder, comercialização da fé e venda de indulgências originaram a Reforma Protestante. Tais acontecimentos impulsionaram a sociedade e à Igreja a desempenharem as mudanças vistas como necessárias dentro da Igreja, para que se voltasse aos seus princípios que há muito tempo não eram mais seu foco, mostrando que a Igreja deveria pregar a verdade contida nas escrituras.

Com o desígnio de corrigir os erros católicos e retomar sua integração, a Igreja Católica iniciou o processo que ficou conhecido como Contrarreforma, com isso, houve uma grande mudança no processo de sua cristianização. Com a criação da companhia de Jesus por Santo Inácio de Loyola denominados “soldados de cristo” essa missão passa a ser feita por pessoas preparadas que se espalharam pelo mundo.

O mundo moderno apresentou uma considerável influência desta Ordem Religiosa, que surgiu justamente no período em que se pensava em organizar o mundo político, econômico e religioso. Essa influência da Companhia de Jesus na formação do mundo moderno é facilmente compreendida, pois as inovações da Ordem vieram justamente ao encontro das ambições do mundo que se formava, e que não tinha escolhido muito bem os seus rumos.

É importante entender que o Ratio Studiorum em sua função é mais cultural do que pedagógico, mas não se deve descartar esta grande influência para a comunidade escolar, pois se pode perceber que os métodos eram para uma educação pensada no sentido amplo de produção, e a reprodução cultural era de tentativa de padronização.

Procuramos neste trabalho não só abordar a educação escolar, mas um espaço de formação de valores e compreendermos que apesar da severa organização jesuítica, não se deve confundi-la com um absolutismo, uma vez que discussões são permitidas, em seu determinado tempo.

O espaço até então conhecido para se fazer missão e propagar a fé cristã passou a ser muito maior após as descobertas das terras do Novo Mundo, pois

através dessas descobertas houve também uma troca de conhecimentos entre essas sociedades, tornando-se um momento propício para a propagação do cristianismo.

Percebemos que a história da educação é passiva de adaptações, assim além de apresentar orientações sobre a metodologia e o conteúdo a ser trabalhado nas Classes, o *Ratio Studiorum* trata da responsabilidade de cada componente do colégio, contudo possuía certa flexibilidade para adaptações de acordo com as necessidades de cada região.

Na pedagogia jesuítica a catequização e a educação progrediam juntas, desta maneira, não se deve desconsiderar esses processos como especificamente religiosos, mas era utilizado para promover um ensino da verdadeira religião, pois o ideal da Companhia é proporcionar a realização plena da natureza humana

A metodologia utilizada baseava-se em anos de experiência e implantações, dessa maneira, os Colégios Jesuíticos formavam homens de caráter predominantemente católicos, membro digno da família e útil a sociedade.

No Brasil os jesuítas foram expulsos em 1759, por Marquês de Pombal e em seu lugar foram criadas as aulas régias de Latim, Grego e Retórica que nem de longe chegaram a substituir o eficiente o sistema de ensino organizado pela Companhia de Jesus.

Concluimos que o documento estudado permite compreender a metodologia jesuítica e como inferiram na formação do ideal do “bom cristão” e na formação de profissionais capacitados. Mesmo se tratando de um documento gestado em 1599, o *Ratio Studiorum* merece a atenção de nós educadores ainda hoje, pois além de conhecê-lo, devemos pensá-lo criticamente e a partir dele enriquecer nossa postura educativa.

Não podemos nos levar a abandonar a reflexão sobre o significado das navegações na história da humanidade e nem abandonar o estudo das novas construções sociais que as mesmas populações operaram a partir dos processos de colonização.

Vale ressaltar que repudiarmos o genocídio das populações nativas do Brasil, pois os povos denominados pelos colonizadores impuseram na população

nativa a aculturação de uma cultura e de uma religião o que trouxe como consequência uma mudança na sua formação histórica.

Como vimos foram inúmeras as características que marcaram a pedagogia jesuítica. A educação foi um elemento cultivado e administrado pela ordem dos jesuítas e suas normas e determinações eram cuidadosamente seguidas e respeitadas pelos seus membros. O *Ratio Studiorum*, nesse contexto, foi fundamental para a organização e elaboração de futuros métodos de ensino no país.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Cristóvão Carneiro de. **Ratio Studiorum, do ensino tutorial ao ensino em sala de aula**. 2013. 65f. Dissertação (Mestre em Ensino da Filosofia) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2013.

BRENNER, Eliana de Moraes; JESUS, Daniela Maria Nascimento de. **Manual de Planejamento e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COLAÇO, Thais Luzia. O Direito nas Missões Jesuíticas da América do Sul. In: WOLKMER, Antonio Carlos (Org.). **Fundamentos de História de Direito**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. 265-294.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. 2004. 304f. Tese (Doutorado na Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

COSTA, Célio Juvenal. Educação jesuítica no império português do século XVI: o colégio e o Ratio Studiorum. In: PAIVA, José Maria de; BITTAR, Marisa; ASSUNÇÃO, Paulo de (Orgs.). **Educação, história e cultura no Brasil Colônia**. São Paulo: Arké, 2007. 29-43.

ERTHAL, Rui. A colonização portuguesa no Brasil e a pequena propriedade. Rio de Janeiro. **GEOgraphia**, V. 2, n° 4, p. 49-75, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13386> >. Acesso em: 25 março 2020.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Campinas: Kirion, 2019.

GOMES, Alessandro Martins. A reforma protestante como fator de mudança na missionação portuguesa. **Identidade**. São Leopoldo, V.22, n 2, p.273-297, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://ism.edu.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/3160/2977>>. Acesso em: 02 de setembro 2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

KASSAB, Yara. **As estratégias lúdicas nas ações jesuíticas, nas terras brasílica (1549-1597) “para maior gloria de Deus”**. 2010. 241f. Tese (Doutor em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.



LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1949.

LIMA, Daniela Fernanda Cardozo Forster. **O Homem Segundo o Ratio Studiorum**. 2008. 98f. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico. **Varia História**, Belo Horizonte, V. 23, n. 37, p.130-150, Jan./Jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a08.pdf>>. Acesso em: 23 outubro 2019.

NEVES, Luís Felipe Baêta. **O combate dos Soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

OLIVEIRA, Fabio Falcão. **Educação jesuítica; século XVII: Alexandre Gusmão e o Seminário de Belém da Cachoeira**. 2014. 283f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Cortez, 1982.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2014.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, V. 1, n. 1, p. 1-15, jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>>. Acesso em: 24 Fevereiro 2020.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SHIGUNOV NETO, Alexandre. **História da educação brasileira: do período colonial ao predomínio das políticas educacionais neoliberais**. São Paulo: Atlas S.A., 2015.

SIQUEIRA, Lucília. O nascimento da América portuguesa no contexto imperial lusitano: considerações teóricas a partir das diferenças entre a historiografia recente e o ensino de História. **História Educação**. São Paulo, V. 28, nº 1, p. 99-125. 2009.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n1/04.pdf>>. Acesso em: 25 março 2020.

STORCK, João Batista. Do Modus Parisiensis ao Ratio Studiorum: Os Jesuítas e a Educação Humanista no Início da Idade Moderna. **História Educação**. Santa Maria, vol.20 n°48, p.139-158, Jan./Abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/heduc/v20n48/1414-3518-heduc-20-48-00139.pdf>>. Acesso em: 27 março 2019.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540). **Acta Scientiarum**. Maringá. V. 24, n 1, p. 103-113, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2416/1696>>. Acesso em: 14 Janeiro 2020.

TOYSHIMA, Ana Maria da Silva. **O Ideário Educacional Jesuítico: Explorando o Ratio Studiorum**. 2011. 49f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

UGUMA, Renata Kellen Nicolim. **Uma interpretação histórica do Ratio Studiorum**. 2009. 54f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.